

Cultura escolar nos estudos de Álvaro Vieira Pinto

RESUMO

Neste texto, trago uma reflexão sobre os estudos de Álvaro Vieira Pinto [AVP] sobre educação partindo da premissa da cultura escolar como polo de reprodução do homem-social e da sociabilidade humana em uma sociedade de classes. Para nosso fim, investigaremos o pensamento de AVP sobre cultura e educação no processo constitutivo da vida do homem. Nosso objetivo é compreender como AVP estuda o homem na perspectiva do materialismo histórico-dialético, cujo elo é o trabalho na produção da vida material e o desenvolvimento social pelo polo da educação, entendido neste processo de cultura escolar sob o primado do desenvolvimento do homem e da ideologia que o mesmo traz no processo constitutivo da classe dominante que reproduz as desigualdades sociais entre os grupos sociais presentes nas formações sociais, que são históricas e transitórias. O método de investigação e de exposição a ser utilizado é o materialismo, cuja base e fundamento está na história e nas lutas de classes que as formações sociais trazem em sua formação histórica, cujo resultado o leitor está convidado a conferir.

PALAVRAS-CHAVE: Homem. Ciência. Cultura escolar. Sociedade.

Vanderlei Amboni
Universidade Estadual do Paraná -
Campus de Paranavaí, Paranavaí,
Paraná

INTRODUÇÃO

[...] Não existe uma estrada real para a ciência, e somente aqueles que não temem a fadiga de galgar suas trilhas escarpadas têm chance de atingir seus cumes luminosos (MARX, 2013, p. 93).

Neste trabalho pretendemos analisar a cultura escolar nos estudos de Álvaro Vieira Pinto [AVP]. o processo fundante do ser social, cujo primado e essência da vida social do homem é o trabalho. E o que é trabalho? O trabalho é o ato sob o qual o homem transforma a natureza adaptando-a a ele e, ao mesmo tempo, adapta a natureza ao modo de produzir a vida material. Perspectiva esta que Vieira Pinto (1975, p. 20 – tradução nossa¹), assevera que:

[...] o homem é, por definição, um ser que produz sua existência. Ao contrário do animal irracional, que se reproduz nas condições que o ambiente lhe oferece, o homem cria as condições que lhe permitem viver e se reproduzir.

Neste processo, a cultura escolar que a sociedade produz como elo à existência, reproduz sua existência sob a premissa da educação. A educação é, neste aspecto, um processo social-coletivo, cuja natureza e processualidade traduz a reprodução do homem e de sua humanidade. Ela produz uma cultura escolar com vínculo à vida produtiva no interior das relações sociais, sob determinada condição histórica onde o ser social se objetiva como ser coletivo. Não obstante, Vieira Pinto (1975, p. 20 – tradução nossa²) observa:

Este processo de envolvimento recíproco pelo qual o homem cria os meios para o homem, por sua vez, acreditar nele, é chamado de economia. Segue-se que a estrutura econômica de uma coletividade é o intermediário fundamental ao qual a demografia deve se referir para compreender seu objeto, com o acréscimo de que a criação do meio é resultado de ação, não do indivíduo isolado, mas da coletividade à qual pertence.

Como o homem é um ser em construção e se objetiva no trabalho, ele é sujeito em processo de formação, sob o qual a sociedade age e se reproduz como sociedade. Nele, há uma carência e necessidade formativa perene, cujos laços sociais os une em vida social. Por ser um sujeito em construção, a cultura escolar é um processo imanente e perene em sua formação humana, assim como o trabalho é natureza fundante do ser social. No processo de formação do indivíduo à vida em sociedade há uma cultura escolar no processo de formação humana, que prepara os indivíduos para a vida sob princípios ideológicos determinados pela classe dominante, pois esta se objetiva e estrutura a sociedade no devir do homem, cuja base material determinará o tipo de relação social e o tipo de homem a ser formado pela estrutura social, sempre em processo de contradição social, pois a forma trabalho determina o tipo de sociedade e as relações sociais que fundam o processo de sociabilidade sob o todo social. Não obstante, Schaff (1969, p. 82) diz que “o homem nasce em uma sociedade definida, em condições e relações sociais e humanas determinadas que ele não escolhe mas que lhe são dadas como resultado da atividade das

gerações precedentes”. Na compreensão da existência do homem sob bases materiais, cujo laços são determinados pela forma trabalho, Vieira Pinto (1962, p. 10-11) argumenta que:

[...] fora do sistema de relações sociais o ‘homem’ tem existência apenas abstrata, não passa de ideia geral; o que de fato existe é sempre o homem concreto, ou seja, aquele que se acha envolvido por determinado sistema de relações produtivas, cuja realidade não depende da sua vontade, mas foi forjada ao longo expansivo da capacidade produtiva comum da espécie humana, de melhor apropriação dos fatores naturais em seu proveito.

Sob estas premissas, estruturamos o artigo em duas seções. Na primeira, analisaremos a ciência e realidade escolar na sociedade de classe, sob a qual o homem nasce, vive e reproduz as condições de sua existência no processo dialético de reprodução social, portanto em uma sociedade em contínua mudança dentro da ordem e seu processo de conservação, pois o homem constrói seu mundo e se desenvolve nas relações sociais que ele estabelece com o grupo social a que pertence e “[...] são as relações de produção em primeiro lugar que determinam o que o homem é em determinadas condições, a isso os filósofos chamam de natureza humana [...]” (SCHAFF, 1969, p. 81).

Na segunda seção, será feita uma análise sobre a dimensão social da educação escolar no processo de formação do homem, pois entendemos que é importante que “a Educação seja uma forma particular de responsabilidade da ação entre os homens” (VIEIRA PINTO, 1994, p. 35), cujo processo demográfico traz uma determinada forma de população, uma determinada sociedade a se reproduzir, cuja unidade só é possível por meio de uma cultura educacional no meio social. Com efeito, Vieira Pinto (1975, p. 8 – tradução nossa³) afirma:

Agora, a demografia é autenticamente organizada na ciência apenas quando reconhece a unidade dinâmica formada pela interação da peça e do todo, ou seja, o indivíduo e a população. Devemos, portanto, considerar a população em sua forma concreta e não abstrata e formal; cada população é uma população, mesmo no caso extremo onde toda a humanidade é tomada. Dizer que a população é concreta é afirmar que é um processo concreto, uma vez que cada processo populacional se distingue dos outros por traços particulares que a demografia não pode ignorar [...].

No processo disciplinado por AVP, a natureza humana é constituída de peças que compõem um todo e nela está presente a formação humana, cujo processo, apesar de não aparecer de forma explícita nos textos de AVP, só se torna possível por meio de uma cultura educacional criada no processo de produção da vida material pelo trabalho. O trabalho é o elo que funda a cultura escolar presente no meio social e, sob ela, todo o processo de reprodução social em um processo de contradição social, constituindo-se também em via de acesso à realidade, criando a representação do real no pensamento como pensamento concreto. Com esta finalidade, convido o leitor a aprofundar a leitura do texto.

TRABALHO E CULTURA ESCOLAR NA FORMAÇÃO DO HOMEM-SOCIAL

O homem por ser um produto social [...] e na sua ontogênese, está completamente submetido ao determinismo social que o forma, num modo que escapa do seu controle, por via da língua que tem em si um determinado sistema de pensamento, da educação que lhes inculca hábitos, costumes, comportamentos definidos, etc. [...] (SCHAFF, 1969, p. 82).

O homem é um ser em construção mediado pelo trabalho e cultura. O homem é produto do trabalho e a cultura é produto do homem mediado pelo trabalho, que se manifesta na forma de produzir a vida sob condições dadas e encontradas pelos grupos sociais na natureza. Com efeito, Schaff (1969, p. 85-86) assevera: “[...] assim, do ponto de vista do homem, o processo humano de criação é um processo de auto criação. Assim, graças ao trabalho a espécie *homo-sapiens* nasceu, evoluiu e continua a transformar-se”. No processo de produção da vida material, que é criação humana na transformação da natureza para si, neste processo de criação, o homem cria a cultura escolar, que se manifesta no ato de ensinar. O ato é imprescindível à existência do humano-social, que foi constituído no processo de trabalho, cuja raiz está na natureza humanizada e transformada pelo homem, que se transforma também sob a cultura da ciência materializada no ato de ensinar, e traz a sociabilidade que emerge no grupo sobre o qual o homem produz-se como social e reproduz sua existência com vínculo estabelecido no processo de formação, cuja centralidade está dada na escolarização, pois o mesmo aprende com a vida e por meio de outros. Na produção da vida, ao realizar uma atividade produtiva, o homem produz uma síntese de suas atividades, produz uma determinada cultura. Neste aspecto, a cultura escolar também é determinada como aspecto da totalidade da vida, que condiciona o homem a viver no grupo social do qual faz parte. A meu ver, para AVP, sob o condicionante do trabalho, o homem produz, mediado pela relação homem/natureza, a cultura escolar direcionada à produção da vida, cuja materialidade se processa em condições antagônicas entre si, pois as formações sociais se consolidam em classes sociais as quais trazem a propriedade privada dos meios de produção como elo de mediação entre os homens. Com efeito, Vieira Pinto (1960, p. 60) assevera:

O trabalho não é apenas atividade exercida exteriormente pelo homem, mas fator constitutivo da sua natureza, no sentido de que é por intermédio dele que se realiza a humanização progressiva do homem, e que cada um constrói a sua consciência da realidade.

Que os permitem a se movimentar, mover-se socialmente e a construir sua história, pois este cria o motor de sua reprodução social que os torna humano-reprodutivo, que é a educação e, com ela, um determinado modo de produção com uma determinada cultura escolar que se torna hegemônica em meio às contradições sociais em seu processo histórico-dialético. Com efeito, Vieira Pinto (1960, p. 60) diz-nos:

[...] Pelo trabalho o homem encontra objetivamente a realidade. O trabalho constitui um caso especial da ação, mas o que lhe dá especificidade é ser causa modificadora da

realidade externa. A ação admite distinções filosóficas, que chegam até ao conceito lógico de ação meramente receptiva. Mas o trabalho é sempre ação transformadora. Qualquer que seja a posição ocupada no espaço social pelo indivíduo, este, a partir de tal posição, trabalha. E, ao fazê-lo, altera a realidade, donde necessariamente ser obrigado a constituir uma representação dela, a criar a consciência do estado do real sobre o qual incide a sua operação modificadora. Vemos, assim, que a consciência é determinada pela prática social primordialmente mediante o trabalho, que, por isto, não basta ser considerado apenas no aspecto social, no significado econômico ou nas repercussões morais.

Não obstante, Braverman (1987, p. 29) assevera que

[...] a forma de qualquer sociedade, não é criação instantânea de 'leis' que geram aquela sociedade num lugar e diante de nossos olhos. Toda sociedade é um momento no processo histórico, e só pode ser aprendida como parte daquele processo.

Portanto, as formas de sociedade expressam um devir histórico criado pelo homem no curso do trabalho nas formas de produzir bens e de colocá-los em circulação. E isto cria uma determinada relação social e de cultura ambientada para o meio social, pois a classe dominante só é dominante porque possui os meios de produção e o controle sobre as formas ideológicas de reprodução social mediadas pela educação que refletem em formas de cultura escolar, religiosa, política, as quais submetem os indivíduos aos seus princípios de classe no processo histórico-dialético de sua existência. Neste processo, está presente no ser biológico do homem um processo transformado pelo trabalho, pois esta cria o homem e suas manifestações na existência da vida, criam, portanto, cultura material. Dessa forma, Vieira Pinto (1970, p. 8-9) se manifesta:

[...] À luz de uma percepção rigorosa do processo do desenvolvimento biológico da espécie humana, particularmente na fase em que ingressa nas condições sociais de produção da existência, o termo que realmente importa é o denominado «cultura». Nele se reflete o processo graças ao qual a espécie, em vias de hominização e, mais tarde, plenamente integrada em comunidade social de trabalho, vem resolvendo as contradições que lhe são impostas pelas relações com o ambiente natural, de onde deve retirar os bens de que necessita para subsistir, e com os quais estabelece necessariamente sociais. No curso desse processo desenvolve-se sua percepção dos objetos e fenômenos do mundo e das relações que ligam cada indivíduo aos demais, e esta percepção alcança a forma de ideias abstratas, gerais, que, num grau avançado do conhecimento, sendo transmitidas de geração a geração, como herança de uma práxis comum, de transformação técnica do mundo, vêm a constituir o que se denomina de cultura [...].

Reafirma AVP o processo histórico-social-dialético como fundante da cultura escolar do homem, cuja centralidade está na educação como processo de socialização e integração do homem à sociedade. Este processo está presente em todas as formações sociais, pois o ser homem é um ser em processo de construção que se objetiva no trabalho e na educação, passo que se firma na produção da existência física e intelectual do homem. Neste aspecto, o trabalho é a chave para compreender a existência do homem e do mundo humano em processo histórico-dialético, cuja materialidade o coloca em movimento e em desenvolvimento histórico-social. Com efeito, Vieira Pinto (1960, p. 120), diz-nos que o

[...] processo de desenvolvimento cria os conteúdos autênticos da cultura, aqueles que, para cada etapa, devem constituir a matéria da educação. Ao mesmo tempo, porém, a educação reage sobre o processo em curso, podendo, se anacrônica, retardá-lo, ou, quando oportuna, ser causa de aceleração. A todo momento coexistem na sociedade duas modalidades de educação, dois sistemas pedagógicos estão constantemente desenrolando-se: um, o oficial, de caráter formal, imposto de cima para baixo, vindo da consciência atual dos dirigentes e administradores para o terreno objetivo; outro, real, imposto pelos fatos na pressão que exercem sobre o pensamento, o que é ministrado pelo processo mesmo do desenvolvimento na etapa onde se acha. Este último nunca falta, pois é pressuposto pela realidade das transformações em curso; o que falta é a generalizada compreensão de que os conhecimentos que ministra sejam a matéria da verdadeira pedagogia. Enquanto esta modalidade educativa atua continuamente em favor da aceleração da marcha do desenvolvimento, a outra pedagogia, a oficial, será benéfica, ou não, dependendo da compreensão que tenha do processo nacional em andamento, sobre a qual assenta. De fato, não há desenvolvimento sem consciência correspondente, ao menos implícita, e esta não se forma sem alguma espécie de educação.

De fato, o trabalho põe em marcha a história do homem real e esta história é um contínuo de ações concretas que formam a ciência e a cultura humana sob os pilares do trabalho, cuja educação permeia as ações humanas, mesmo que em última instância, nas formações sociais. Este pilar é o processo que unifica os homens por meio de cultura do grupo e dá a sociabilidade necessária à vida social. No trabalho, a base material produz as relações que se impõem ao conjunto social um modo determinado de produção da vida material. Nela, os sujeitos se movem, se educam e produzem os fenômenos de sua cultura material, ou seja, criam os vínculos que ligam a estrutura produtiva e superestrutura presente nas formações sociais, que são históricas e dialéticas. Na materialidade da vida do homem humanizado no trabalho há uma processualidade histórica, cujo devir dialético do trabalho transforma a natureza e o próprio homem de forma constante, cuja realidade torna-se cognoscível ao homem. Neste processo, o fazer humano se torna história objetivada captada pelo ser consciente que a transforma em conhecimento como elo de reprodução social. Com efeito, Vieira Pinto (1960, p. 61) assegura:

[...] o trabalho é a via de acesso à realidade. Por ele o mundo se abre à consciência, e isso tanto mais perfeitamente quanto opera sobre partes cada vez mais amplas do real. De fato, não há outro modo de captar o real senão introduzir-se na sua mobilidade, esposando-lhe a dinâmica; o meio único de realizar a união do homem com o mundo é a ação [...].

Com efeito, AVP reafirma o mundo humano como processo construído pela ação do homem. Nele, há a natureza e o homem transformados pelo trabalho. Nela, há uma natureza humanizada pelo trabalho. Nela, há uma realidade criada no devir do homem. Realidade esta que se torna cognoscível pelo ente criador do mundo humano, o homem.

Ciência e Realidade Escolar na Sociedade de Classe

[...] O fenômeno de classe não surge imediatamente do fato econômico, mas contém a mediação pela consciência, a qual forma um plano interposto, qualitativamente distinto, cuja análise deve ser feita com categorias próprias, para chegarmos a saber como se relacionam as transformações do processo material concreto com as estruturas sociais e os fatos culturais que historicamente lhes correspondem [...] (VIEIRA PINTO, 1960, p. 132).

A escola é um símbolo social de ciência e cultura material, cuja natureza se manifesta na educação para a formação do indivíduo sob os pilares dos interesses das classes dominantes. O processo dominante da vida social está presente no devir do homem, com as qualidades de formação sob as quais o homem é produto e produtor de suas circunstâncias históricas. Com efeito, Vieira Pinto (1975, p. 18 – tradução nossa⁴) demonstra que “[...] cada indivíduo é a população a que pertence, assim como a população é o agregado dos indivíduos reais, qualitativamente distintos que a compõem [...]”. Nela, ele é produtor de suas condições sociais, pois à medida que produz sua existência material produz também formas de sociabilidades determinadas pelas circunstâncias do trabalho que os mesmos desenvolvem no seu devir histórico. Neste processo, na produção de bens essenciais à vida, materializadas pelo trabalho, cria um caráter social e uma sociabilidade na qual homens e mulheres vivem e reproduzem as condições sociais criadas no processo de produção da vida material. Não obstante, Vieira Pinto (1975, p. 20 – tradução nossa⁵) assevera que

[...]o homem é, por definição, um ser que produz sua existência. Ao contrário do animal irracional, que se reproduz nas condições que o ambiente lhe oferece, o homem cria as condições que lhe permitem viver e se reproduzir.

Neste processo, o ato de comer, beber, vestir-se, se abrigar e amar se tornam atos humanos. Com efeito, Vieira Pinto (1962, p. 10) assevera que “[...] no curso das operações produtivas os homens se encontram e são conduzidos a tecer um sistema de relação entre si, que constituem relações de tipo especial, as relações sociais [...]”, que em última instância formam um modo de produzir a vida material, sob a qual se estabelecem as relações sociais na vida social. Nesta relação, produzem ciência e se firmam modos de educação como ciência necessária à vida social, em cuja natureza escolar o homem reproduz a cultura

material criada no devir social do homem. Nas sociedades de classes, ciência e educação são desenvolvidas em contradição social, mas não negam sua existência real no mundo humano sob formas de produção social construídas pelo homem no ato de produzir a vida. Ao produzir a vida o homem produz ciência, cultura e formas de socialização de acordo com o meio em que vive. E a cultura escolar é um dos marcos civilizatórios presentes em cada formação histórico-social que se objetiva como realidade no ato humano do trabalho e se torna objeto de conhecimento pelo homem, que historiciza o tempo e sua história. Neste processo, Vieira Pinto (1960, p. 118) assevera:

[...] A cultura não é a acumulação e armazenamento do saber, de qualquer espécie, mas a assimilação dele segundo uma perspectiva que é consciente dos fundamentos e exigências a partir dos quais incorporou os produtos do conhecimento de uma época anterior e os pensa como saber atual. Culto é o homem que aceita realizar uma incumbência exigida pela comunidade a que pertence e se preparou devidamente para isso, munindo-se dos conhecimentos necessários [...].

Nesta perspectiva, o ato faz o homem, pois

[...] somente na tentativa humana a ação se torna fonte de ideias, e por isso representa um modo de experimentar, de palpar, de descobrir aquilo que consiste o mundo, quais são as propriedades das coisas, que, ao se transformarem em conceitos abstratos, permitem o retorno do pensamento à realidade em forma de projetos de ação, portanto, em processo de melhoramento da relação do homem com o mundo, o que é propriamente o trabalho (VIEIRA PINTO, 1969, p. 342).

Na crítica à filosofia existencialista e ao empirismo, AVP aponta o mundo real, concreto em que se funda um dado país, delimitado por fronteiras, com sua cultura material e desenvolvimento social, nas contradições sociais presentes em cada etapa do desenvolvimento social e interesses de classe, cujo conhecimento sobre ele não é externo, mas dado e estabelecido por ele, pois homens e mulheres fazem história em situação dada e encontrada no mundo real. Nele, também produzem o conhecimento sobre seus atos constitutivos do social, cuja natureza os unem em sociedade e os formam como um grupo social em um dado e estabelecido espaço territorial, no qual chamamos de país, com uma cultura material criada no devir histórico do se desenvolvimento. Com efeito, diz Vieira Pinto (1960, p. 81):

[...] o conhecimento se funda na experiência exterior, provém dela, do mundo que 'aí está' como 'existente bruto', e que, acreditam aquelas escolas, conhecemos no ato de apreendê-lo ou de retirar dele as nossas representações. Falta-lhes, porém, a compreensão de que esse mundo é sempre um país, com determinada conformação social, numa etapa do desenvolvimento da sua cultura e dos seus recursos econômicos, em certo momento da história.

No processo de formação histórico-social, Vieira Pinto (1960, p. 188) escreve:

A educação não precede o processo de desenvolvimento, acompanha-o contemporaneamente. Entre ambos existe uma tensão dialética que os condiciona mutuamente. Com efeito, cada etapa da realidade contém no seu dinamismo tarefas a executar, a fim de que se transforme na etapa seguinte; são propostas, são desafios à ação humana, que é solicitada por eles a efetivar-se. Mas são ações complexas, a executar sobre uma realidade material difícil de penetrar e de entender. [...] A educação é justamente a consciência destas tarefas e a mobilização dos meios e recursos adequados a executá-las [...].

Defende-se a ideia pela qual a educação está presente no ordenamento social no qual a classe dominante exerce sua hegemonia sob contradições sociais inconciliáveis. Ele não concebe uma educação abstrata para o país, pois o processo de formação humana é real e concreto. AVP a coloca como centralidade no processo de desenvolvimento social, pois na dinâmica da vida social a educação impõe tarefas à sociedade que se quer desenvolver na plenitude da sociedade moderna. Em suma, a cultura escolar deve refletir as bases materiais de seu desenvolvimento, que determinam a ciência e a realidade escolar no processo de formação humana nas sociedades de classes em determinação com os interesses da classe dominante. Nela, há sempre uma determinação de classe no fazer pedagógico, pois não há neutralidade da educação de classes, mas processos distintos de formação, pois é necessário “[...] saber como se relacionam as transformações do processo material concreto com as estruturas sociais e os fatos culturais que historicamente lhes correspondem [...]” (VIEIRA PINTO, 1960, p. 132), dentre eles a cultura escolar, para que se possa vislumbrar um desenvolvimento pleno da sociedade.

A DIMENSÃO SOCIAL DO HOMEM E DA EDUCAÇÃO ESCOLAR

O caminho que o professor escolheu para aprender foi ensinar. No ato do ensino ele se defronta com as verdadeiras dificuldades, obstáculos reais, concretos, que precisa superar. Nessa situação ele aprende [...] (VIEIRA PINTO, 1994, p. 27).

A escola é um fato social. Nela, a educação está presente e é o “[...] procedimento pelo qual a sociedade se reproduz a si mesma ao longo de sua duração temporal” (VIEIRA PINTO, 1994, p. 30). Nela, a manifestação didática do ato está presente. Mas a escola é um espaço de sociabilidade em qualquer formação social. No espaço social da escola, a escolarização é um processo sob o qual a sociedade traz o ensino do que ela mesma aprendeu e acumulou em seu devir histórico. Este espaço social pode ser uma caverna, onde os homens, mesmo ser terem desenvolvido a fala e a escrita, por meio de desenhos, se comunicavam na luta social pela vida. A escola aqui entendida, não é a escola burguesa, é a escola enquanto espaço de disseminação do conhecimento acumulado, o que pressupõe um estudo da escola como um devir do homem como o trabalho o é. Sua dimensão social está na luta pela vida, mediada por códigos que as formações sociais estabelecem para si, o que implica afirmar que a escola é histórica e é determinada pela formação sob a qual os homens vivem e produzem sua existência material. A existência do homem, na sua concretude,

coincide com o modo com que produz sua existência material. Ela é a materialidade do homem em seu processo de formação social que necessita, na luta pela vida, se reproduzir. Neste processo, Vieira Pinto (1975, p. 22 – tradução nossa⁶) diz-nos que “a situação de vida de cada indivíduo depende da organização política predominante na coletividade: tal é a conexão básica que determina o reflexo do fato político no campo demográfico [...]”. Neste aspecto, há uma vida social a reproduzir, cujo elemento central ditado pela sociedade traz uma totalidade, sob a qual a sociedade se estrutura. Com efeito, Einstein (1949, s/p) observa:

[...] É a ‘sociedade’ que lhe fornece comida, roupa, casa, instrumentos de trabalho, língua, formas de pensamento, e a maior parte do conteúdo do pensamento; a sua vida foi tornada possível através do trabalho e da concretização dos muitos milhões passados e presentes que estão todos escondidos atrás da pequena palavra ‘sociedade’.

A existência do homem é um processo histórico, portanto, real e concreto, sob o qual Vieira Pinto (1969, p. 188) se manifesta, argumentando que:

[...] Toda realidade material perdura, manifestando no tempo alguma modalidade essencial da sua constituição objetiva. No homem essa modalidade adquire significado novo, qualitativamente distinto, o da historicidade. Ao viver, o homem historiciza o tempo, a duração cronológica do existir da realidade [...].

Nesta perspectiva, Vieira Pinto (1975, p. 8 – tradução nossa⁷) assevera:

[...] O espírito do homem passa a conhecer o mundo objetivo na medida em que as hipóteses concebidas para explicar a realidade estão sendo testadas e, portanto, passam para a dignidade das teorias, que são a expressão da máxima inteligibilidade do mundo dos fenômenos sensíveis.

Neste processo de sociabilidade dado pelo mundo sensível, a escola presente no processo de formação possui uma realidade criada pelo processo de produção da vida material, cuja materialidade é a expressão das classes sociais em que o homem se forma e conhece o mundo de forma objetiva no qual ele é sujeito e objeto de conhecimento. Enquanto sujeito que objetiva o mundo, ele expressa uma dimensão educativa, cuja centralidade o prepara para investigar o mundo dos fenômenos sensíveis objetivados pelo processo de materialidade da produção da vida material. Enquanto objeto de conhecimento, o homem possui uma dimensão humana, materializada pela amaterialidade do fazer-se homem no ato singular de produção e reprodução do ser homem pelo trabalho. O processo de produzir a existência da vida do homem cria uma relação social na produção de bens que traz um elemento novo, singular e determinante das relações sociais que o mesmo estabelece como modo de produção.

Neste processo, a amaterialidade na produção de bens produz uma determinada atividade econômica e uma determinada cultura de aprendizagem das relações sociais estabelecidas. Neste processo, a cultura escolar se manifesta como elo que dá sentido à vida do indivíduo como ser social, como ser que vive

em um coletivo, que o dota dos costumes estabelecidos na vida social, religiosa, cultural e educacional. Ele é o que sociedade determina. Ele só é o que a sociedade é. Nesta relação, a atividade econômica forma o indivíduo para a vida social, mas não o forma como um ser onilateral, pois a sociedade carrega as contradições sociais engendradas nos modos de produzir a vida, que é determinada pelo trabalho. No ato de transformar a natureza o homem transforma a si mesmo e cria um sistema de regulação social, o qual traz uma dimensão educacional como condição social de vida comunitária. Com efeito, Vieira Pinto (1975, p. 21 – tradução nossa⁸) diz-nos:

A atividade econômica aparece não apenas como um processo produtivo de bens, mas como a forma pela qual o homem modela o ambiente natural para garantir a perpetuação da espécie. A transformação dos recursos naturais em meios de subsistência não é espontânea, mas ocorre graças à energia humana organizada coletivamente, que é exatamente o que se chama trabalho. Mas isso não significa apenas a ação direta e organizada do homem sobre a natureza; envolve também a organização da ação do homem entre si. Cria-se, assim, um sistema social no qual o indivíduo e a comunidade participam em conjunto, organizado em um sistema de convivência dotado de relativa estabilidade.

Deveras, o homem constrói-se em coletividade na sua dimensão social, cuja sociabilidade se estabelece no processo da educação ao longo do seu devir. Se torna comunidade humana que se objetiva no trabalho e a constrói na ocupação de um determinado território onde desenvolve os instrumentos necessários à produção da vida. Desenvolve tecnologias adaptáveis ao processo de produção, cuja base é a natureza. É sobre ela que o homem age transformando-a para si com as ferramentas criadas por seu intelecto e desenvolvidas por sua amaterialidade. E, neste fazer, expressa uma racionalidade no desenvolvimento de máquinas-ferramentas necessárias à produção da vida. Sob a produção da vida o homem organiza-se em comunidade, o que traz uma dimensão social do homem que necessita do processo formal de ensino para a reprodução social. Neste processo nasce, *pari passo* com o homem, uma organização social que podemos chamar de educação escolar para a transmissão da cultura material que o homem constrói no seu grupo social. A cultura material pressupõe um todo que o homem constrói em seu devir histórico, que se torna conhecimento acumulado, portanto, de ação pedagógica como elo de reprodução social criada no grupo social. Nesta dimensão, Vieira Pinto (1975, p. 22 – tradução nossa⁹) argumenta:

[...] Não pode haver uma coletividade humana que não ocupe um determinado território do qual extrai seus meios de subsistência através do trabalho, que assume formas variáveis, progressivamente mais produtivas e complexas, de acordo com um processo evolutivo que se estende desde a coleta manual de produtos até a fabricação de máquinas-ferramentas. Consequentemente, o território não é apenas a base material da existência de uma população; é também seu complemento ontológico. E bem, o território de que uma população dispõe é um fato histórico, de natureza eminentemente política. Demos significa território habitado

por um grupo humano e não apenas a aglomeração dele: uma demonstração é uma coletividade humana politicamente organizada [...].

Nas dimensões do território, AVP demonstra que a comunidade humana é um fazer-se histórico que possui uma dimensão político-social na ontologia do ser, cuja organização é um processo dialético, que se move pelo ser que se desenvolve tecnicamente no processo de transformação da natureza. Neste meio, há uma dimensão que AVP não secundariza em suas reflexões. A dimensão da cultura escolar está presente no fazer-se do homem, pois é um processo imanente ao ser social. Neste processo, é um ser que se comunica, se torna ser em educação de forma perene. Os atos de comer, beber, vestir-se, abrigar-se e amar tornados humanos são atos em transformação na existência humana, o que torna a comunicação um elo imprescindível às ações dos homens em vida comunitária. Nesta perspectiva, Vieira Pinto (1975, p. 23 – tradução nossa¹⁰) escreveu:

[...] a população é o meio ambiente, o ambiente em que a existência do ser humano se desenrola: o homem existe e está em uma população. Mas, além disso, o homem é um ser que vive na comunicação. É próprio do homem existir em relação a outras existências, as de outros homens, das quais ele depende não apenas de seu sustento vital e material, mas também para a própria configuração humana de seu ser. E essa comunicação se desdobra em fenômenos peculiares que são estudados pela demografia. A comunicação é, portanto, condicionada pela situação que o ser humano encontra como fato quando começa a existir e que somente em parte é possível modificar por seu esforço consciente, expressando a situação em inúmeros fenômenos que são, quantitativa e qualitativamente, objeto da demografia.

Naturalmente, o homem só se reproduz em virtude das condições sociais do desenvolvimento produzidas no ato do trabalho, dentre elas, o fator da comunicação, que possibilita ao homem mover-se no mundo humano, que traz a dimensão do homem humanizado pelo trabalho e educação. Em suma, no processo de formação humana a educação escolar é um elo perene à vida social, mas este processo se dá nas ações e sob as condições hegemônicas da classe dominante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ciência é produto do trabalho. É forjada pelo intelecto e amaterialidade do homem no ato de produzir a vida, vida esta que nasce ao se separar da barreira natural, tornando o homem um ser social objetivado pelo trabalho. Neste processo, ao se desenvolver como ser social, ele cria formas de produção da vida material de acordo com o meio ambiente a ser transformado para si. No meio ambiente em que se move o homem ele cria as ferramentas necessárias à produção da existência da vida, sua forma de comunicação e de sociabilidade para a vida do grupo social. Nela está presente a cultura escolar como processo de educação para a reprodução social. O fazer-se pelo intelecto e amaterialidade, o homem produz as condições de sua existência forjando o mundo humano por

meio do conhecimento que o mesmo produz no seu devir sobre a natureza e os processos de transformação que realiza no ato de produzir a vida material. Por conseguinte, ele age sobre uma dada e encontrada natureza, na qual ele age para sua reprodução e isto é realizado pelo trabalho, o qual extrai o necessário à vida e produz conhecimentos no devir do homem pelo trabalho. Nestas condições, ele produz cultura material, o que determina um tipo singular de comunicação e formas de produzir a vida humana, que está imanentemente ligada ao trabalho.

Outro devir do homem é a educação, cujas formas de reprodução o vinculam à vida em grupo no processo de sociabilidade. Neste processo, desenvolve em grupo uma cultura escolar como elo imanente à vida social, pois esta estabelece uma ação pedagógica sobre as gerações mais novas que as incluem à vida em sociedade, posto que o homem é um ser em construção e necessita ser educado sob os princípios da vida social existente. Nela, a formação é um processo constante no qual o indivíduo absorve a cultura de sua organização social e a processualidade da sociabilidade imanente ao grupo social. Este processo é materializado por meio da educação e da cultura escolar presente em cada formação social, que são distintas, assim como são distintos os processos de produção do conhecimento.

Em suma, nas reflexões feitas por AVP, o homem é produto do trabalho e, com ele, das formas de organização da produção da vida e da cultura material que o mesmo produz no seu devir histórico. Nelas se encontram a educação e a cultura escolar como elos de reprodução social.

School Culture in The Studies of Álvaro Vieira Pinto

ABSTRACT

In this text, I reflect on the studies of Álvaro Vieira Pinto [AVP] on education based on the premise of school culture as a pole of reproduction of the social man and human sociability in a class society. For our purpose, we will investigate AVP's thinking about culture and education in the constitutive process of human life. Our objective is to understand how AVP studies man from the perspective of historical-dialectical materialism, whose link is the work in the production of material life and social development by the pole of education, understood in this process of school culture under the primacy of the development of man and of the ideology that it brings in the constitutive process of the dominant class that reproduces the social inequalities between the social groups present in the social formations, which are historical and transitory. The method of investigation and exposition to be used is materialism, whose basis and foundation is in history and in the class struggles that social formations bring in their historical formation, whose result the reader is invited to check.

KEYWORDS: Man. Science. School culture. Society

REFERÊNCIAS

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista**: a degradação do trabalho no Século XX. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

EINSTEIN, Albert. **Por que socialismo?** Maio de 1949. Traduzido por Ralf Rickli. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/einstein/1949/05/socialismo.htm>. Acesso: 15 maio 2014.

MARX, Karl. **O capital**. Livro 1. São Paulo: Boitempo, 2013.

SCHAFF, Adam. A concepção marxista do indivíduo. IN: VOLPE, Della (org.). **Moral e sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Ciência e existência**: problemas filosóficos da pesquisa científica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

VIEIRA PINTO, Álvaro. Por que os ricos não fazem greve? **Cadernos do Povo Brasileiro**, v. 4. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A., 1962.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Sete lições sobre educação de adultos**. 9ª Ed. São Paulo: Cortez, 1994.

VIEIRA PINTO, Álvaro. Civilização e Cultura. **Revista de Cultura e Vozes**, Volume LXIV, Número 6, agosto de 1970.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **La demografia como ciencia**. Santiago [Chile]: Centro Latino Americano de Demografia (CELADE), 1975.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Consciência e realidade nacional**. Rio de Janeiro: ISEB, 1960. v. 1.

NOTAS

¹ [...] el hombre es, por definición, un ser que produce su existencia. Al contrario del animal irracional, que se reproduce en las condiciones que el medio le ofrece, el hombre crea las condiciones que le permiten vivir y reproducirse (VIEIRA PINTO, 1975, p. 20).

² Este proceso de implicación recíproca por el cual el hombre crea el medio para que éste a su vez lo cree a él, se denomina economía. Resulta de aquí que la estructura económica de una colectividad es el intermediario fundamental a que debe referirse la demografía para comprender su objeto, con el agregado de que la creación del medio es el resultado de la acción, no del individuo aislado, sino de la colectividad a que pertenece (VIEIRA PINTO, 1975, p. 20).

³ Ahora bien, la demografía se organiza auténticamente en ciencia sólo cuando reconoce la unidad dinámica formada por la interacción de la parte y del todo, es decir, el individuo y la población. Debemos, en consecuencia, considerar la población en su forma concreta y no abstracta y formal; toda población es una población, aun en el caso extremo en que se tome a la humanidad entera. Decir que la población es concreta equivale a afirmar que es un proceso concreto, pues cada población-proceso se distingue de las demás por rasgos particulares que la demografía no puede ignorar [...] (VIEIRA PINTO, 1975, p. 8).

⁴ [...] Cada individuo es la población a la cual pertenece, así como la población es el agregado de los individuos reales, cualitativamente distintos, que la componen [...] (VIEIRA PINTO, 1975, p. 18).

⁵ El hombre es, por definición, un ser que produce su existencia. Al contrario del animal irracional, que se reproduce en las condiciones que el medio le ofrece, el hombre crea las condiciones que le permiten vivir y reproducirse [...] (VIEIRA PINTO, 1975, p. 20).

⁶ La situación de vida de cada individuo depende de la organización política imperante en la colectividad: tal es la conexión básica que determina el reflejo del hecho político en el campo demográfico [...] (VIEIRA PINTO, 1975, p. 22).

⁷ [...] El espíritu del hombre llega a conocer el mundo objetivo en la medida en que las hipótesis concebidas para explicar la realidad van siendo comprobadas y, por lo mismo, pasan a la dignidad de teorías, que son la expresión de la máxima inteligibilidad del mundo de los fenómenos sensibles (VIEIRA PINTO, 1975, p. 8).

⁸ La actividad económica aparece no sólo como un procedimiento productivo de bienes, sino como la forma por la cual el hombre modela el medio natural para asegurar la perpetuación de la especie. La transformación de los recursos naturales en medios de subsistencia no es espontáneo, sino que se produce merced a la energía humana colectivamente organizada, que es exactamente lo que se denomina trabajo. Pero éste no sólo significa la acción directa y organizada del hombre sobre la naturaleza; implica también la organización de la acción de los hombres entre sí. Créase, pues, un sistema social en que el individuo y la colectividad participan conjuntamente, organizados en un sistema de convivencia dotado de relativa estabilidad (VIEIRA PINTO, 1975, p 21).

⁹ No puede haber una colectividad humana que no ocupe un determinado territorio del que extraiga sus medios de subsistencia por medio del trabajo, el que reviste formas variables, progresivamente más productivas y complejas, de acuerdo con un proceso evolutivo que se extiende de la recolección manual de productos a la fabricación de máquinas herramientas. En consecuencia, el territorio no es tan sólo el fundamento material de la existencia de una población; es también su complemento ontológico. Y bien, el territorio de que una población dispone es un hecho histórico, de naturaleza eminentemente política. Demos significa territorio habitado por un grupo humano y no sólo la aglomeración de éste: un demos es una colectividad humana políticamente organizada, la cual es el objeto propio de la demografía (VIEIRA PINTO, 1975, p 22).

¹⁰ [...] la población es el medio, el ambiente en que se desenvuelve la existencia del ser humano: el hombre existe y es en una población. Pero, además, el hombre es un ser que vive en comunicación. Es propio del hombre el existir en relación con otras existencias, las de los demás hombres, de los cuales depende no sólo para su sustento vital y material, sino también para la propia configuración humana de su ser. Y esa comunicación se desdobra en fenómenos peculiares que son estudiados por la demografía. La comunicación está, pues, condicionada por la situación que el ser humano encuentra como hecho al empezar a existir y que sólo en parte le es dable modificar por su esfuerzo consciente, expresándose la situación en numerosos fenómenos que son, cuantitativa y cualitativamente, objeto de la demografía (VIEIRA PINTO, 1975, p. 23).

Recebido: 17/08/2022

Aprovado: 14/08/2023

DOI: 10.3895/rts.v19n57.15857

Como citar:

AMBONI, V. Cultura escolar nos estudos de Álvaro Vieira Pinto.

Rev. Technol. Soc., Curitiba, v. 19, n. 57, p. 372-389, jul./set., 2023. Disponível em:

<https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/15857>

Acesso em: XXX.

Correspondência:

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

